



MOSTRANDO OS CINCO ANÉIS PARA O MUNDO: OS JOGOS OLÍMPICOS, A TELEVISÃO E A CERIMÔNIA DE ABERTURA¹

Guilherme Ferreira Santos

RESUMO

Apresentamos para este artigo o seguinte problema: como a literatura acadêmica mais representativa de outros países trata a relação entre a televisão, os Jogos Olímpicos e a cerimônia de abertura olímpica? Objetivamos, aqui, apresentar em língua portuguesa as principais ideias e estudos que o estrangeiro faz referente às relações entre esses três elementos. Para tanto, utilizaremos a metodologia ensaística, com a pesquisa bibliográfica. Os valores orientadores do olimpismo, segundo a maioria das visões, não são passados para o público de forma translúcida e imaculada. Porém, os valores transmitidos, mesmo com toda a influência que a televisão teve sobre a ética do Movimento Olímpico, ainda possuem sim efeitos “desejados” sobre as atitudes de muitas pessoas ao redor do globo.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos; televisão; cerimônia de abertura.

INTRODUÇÃO

No bojo do processo da gênese do olimpismo, um dos elementos chaves que surge na dinâmica do mesmo é a televisão (TV). Para Spà (1990) – e para vários outros autores de fora do Brasil –, o momento em que a relação entre a TV e os Jogos Olímpicos (JO) mais se explicita é justamente quando há a maior expressão dos valores do olimpismo e a maior demonstração simbólica da celebração do potencial do esporte: a cerimônia de abertura dos JO.

Desse modo, vemos que as tensões desse processo podem se revelar a partir da interpretação televisiva do momento simbólico mais pertinente para o Movimento Olímpico (MO) – a cerimônia de abertura. Muitos têm sido os trabalhos que estudam essas relações (TV, JO e cerimônia de abertura). No entanto, observamos que tais trabalhos se encontram muito mais no âmbito internacional que no âmbito brasileiro em si (SANTOS, 2012).

Pretendendo dar algum acréscimo à pouca produção da área da educação física sobre a temática (JO, TV e cerimônia de abertura), o presente trabalho faz um estudo bibliográfico inicial discutindo e apresentando ao público brasileiro, exatamente, os trabalhos mais ricos e interessantes que podem embasar futuros estudos e pesquisas sobre a relação entre a TV e os

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo-FAPES (Edital 001/2009-PROCAP, número do processo/termo de outorga: 001/2009) para sua realização.

JO (visto que tais estudos e pesquisas serão necessários com a realização dos JO no Brasil em 2016).

Destarte, apresentamos para este artigo o seguinte problema: como a literatura acadêmica mais representativa de outros países trata a relação entre a TV, os JO e a cerimônia de abertura olímpica?²

Isto posto, objetivamos, aqui, apresentar em língua portuguesa e para autores brasileiros, as principais ideias e estudos que o estrangeiro faz referente às relações entre TV, JO e cerimônia de abertura; pretendemos, ainda, analisar, de modo inicial, essas abordagens com um cunho crítico e harmônico em relação aos valores orientadores dos JO.

Para tanto, utilizaremos, aqui, da metodologia ensaística, com um levantamento bibliográfico que avaliamos como importantes contribuições para o debate e com discussões qualitativas do objeto proposto.

Indo por um caminho que segue “do geral para o específico” faremos, primeiramente, uma discussão sobre a relação entre a sociedade e a TV em si, suas principais características, e sua história no ocidente. Posteriormente, acrescentaremos os JO em tal relação e discutiremos como os principais autores mundiais veem este complexo emaranhado de símbolos e valores. em terceiro lugar, somaremos mais um elemento à discussão: a cerimônia de abertura olímpica: como os autores tratam as formas que ela toma com o advento da TV e as mudanças dialéticas que ocorrem nos valores orientadores.

A TELEVISÃO EM FOCO

Para Thompson, “[...] uma das conquistas técnicas da televisão é a sua capacidade de utilizar uma grande quantidade de deusas simbólicas, tanto de tipo auditivo quanto visual” (2002, p. 85). Portanto, no interior do próprio desenvolvimento da mídia, aparecem meios que se deslocam caracteristicamente em relação a meios mais “antigos”. Esse desenvolvimento, contudo, é complexo e envolve, ao mesmo tempo, proximidade, superação e limitação no que diz respeito a interações face a face.

Tendo em vista essa relação complexa, Thompson elabora uma importante caracterização da TV: segundo ele, a TV envolve três tipos de coordenadas espaço-temporais:

² Os critérios de seleção e leitura dos textos foram de exequibilidade da pesquisa, tendo em vistas procuras via rede de computadores (internet), já que o estudo foi feito a partir do Brasil. Foram usados banco de dados relativos a bibliotecas virtuais de órgãos governamentais e não governamentais de vários países.

Primeiro, há as coordenadas espaço-temporais [sic] do contexto de produção – isto é, do contexto dentro do qual os comunicadores agem e interagem uns com os outros. Segundo, há as coordenadas espaço-temporais [sic] da mensagem televisiva em si mesma. Estas coordenadas cujas características podem ou não coincidir com as do contexto de produção; as coordenadas podem ser alteradas, disfarçadas ou inteiramente redefinidas pela edição ou por outras técnicas. Terceiro, há as coordenadas espaço-temporais [sic] dos diversos contextos de recepção. A quase-interação criada pela televisão implica um contínuo processo de trançamento destes três conjuntos de coordenadas, um processo que descreverei como "interpelação espaço-temporal" (THOMPSON, 2002, p. 85-86)

Ao ver tais coordenadas em estreita relação com a ideia de “realidade” no mundo moderno, Duarte afirma que, “[...] nessa perspectiva, está-se frente a uma construção de linguagens, não mais ao real, mas a uma realidade discursiva” (DUARTE, 2004, p. 80). Portanto, alega a autora, a TV “[...] vem desenvolvendo seus próprios percursos de acesso ao real, a partir dos quais constrói realidades de ordens diversas” (DUARTE, 2004, p. 82). Ela classifica tais ordens em três tipos relativamente estáveis de realidades: a metarrealidade, a suprarrealidade e, como a criação mais recente da TV, a pararealidade (DUARTE, 2004, p. 82).

O primeiro tipo incorpora os conteúdos que possuem referência direta com o mundo “externo e natural”, isto é, o mundo fora da TV (DUARTE, 2004, p. 82). Nesse tipo estão inseridos, por exemplo, telejornais, documentários, reportagens, etc. O segundo tipo, a suprarrealidade, veicula conteúdo que não tem um compromisso direto com a realidade do mundo exterior, sendo tal tipo de caráter mais ficcional (como exemplo, têm-se telenovelas, minisséries, telefilmes etc.) (DUARTE, 2004, p. 82-83). O terceiro tipo é mais recente e compreende as deixas simbólicas as quais propõem conscientemente um novo tipo de realidade, que se difira da realidade externa da TV, mas que seja tão natural quanto esta (DUARTE, 2004, p. 83). Tal realidade “inventada” quer ser real de um jeito diferente, pois, ao mesmo tempo em que deseja ser tão natural quanto o mundo exterior, cria, no entanto, um mundo paralelo, com acontecimentos artificialmente construídos no interior do próprio meio e que não têm como referência direta a realidade fora da TV – exemplos da pararealidade seriam os *reality shows* de TV (DUARTE, 2004, p. 83).

A classificação elaborada por Duarte nos ajuda a começar a refletir sobre as relações entre TV e esporte/JO. Por vezes, tem-se a impressão de (e corre-se o risco de pensar) que tal relação foi unilateral e que o esporte de alto rendimento existe em um mundo só seu, totalmente autônomo. Todavia, se atentarmos para as caracterizações aqui descritas, observa-se, em concordância com Thompson (2002), que essa classificação permite compreender que a interpolação espaço-temporal citada envolve uma “separação de mundos”, ou seja, com a

TV, há um mundo real e um mundo imaginário, sendo os espectadores, contínua e rotineiramente, “[...] instados a transacionar com as fronteiras que os identificam” (THOMPSON, 2002, p. 88).

Esse rápido desenvolvimento dos meios de comunicação e, especialmente, da TV é posto aqui para se ter uma noção da localização específica dos JO em seu interior. Entendemos, aqui, que as instituições modernas, incluindo as relacionadas com a TV, possuem uma relação dialética com a sociedade, podendo criar discursos que reproduzam, produzam ou transformem a realidade externa.

TELEVISÃO, ESPORTE E JOGOS OLÍMPICOS: RELAÇÃO DIALÉTICA

Com essa relação dialética em mente, olhamos para o caso mais específico da relação entre os JO e a mídia/TV. Tendo em vista a configuração do desenvolvimento da mídia, nota-se que essa relação perpassa não apenas pelas questões operacionais dos JO enquanto um evento, mas também pela própria aplicabilidade de sua filosofia valorativa, isto é, do olimpismo. Em relação ao olimpismo, concordamos com DaCosta (1999; 2002) sobre este ser uma filosofia em processo, baseado nas reconciliações típicas do ecletismo e, portanto, naturalmente paradoxal quando em contextos distintos de aplicação. Vemos, com Spà (1990), nesse contexto, que

A enorme complexidade e as numerosas contradições que o fenômeno olímpico apresenta em nossa sociedade não podem ser consideradas independentemente de sua estreita relação com os meios de comunicação de massa. (SPÀ, 1990, p. 455, tradução nossa)

Segundo Llinés e Moreno (1999), um fato importante para a compreensão dessa relação é a “coincidência” histórica entre o aparecimento da mídia audiovisual e dos JO (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 15). De acordo com as autoras, a “restauração” dos JO por Pierre de Coubertin, no final do século XIX, ocorre no mesmo período em que surgem os primeiros filmes.³ Assim, nos primeiros JO, em 1896, em Atenas, já existia a tecnologia audiovisual de filmagem. No entanto, nesses Jogos não houve nenhum registro de movimento, mas apenas registros fotográficos (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 15).⁴

³ As autoras chegam a citar datas importantes nas gêneses desses fenômenos: em 23 de junho de 1894, Pierre de Coubertin restaurou os JO em Sorbonne, Paris; já em dezembro de 1895, dois irmãos parisienses (Louis e August Lumière) – inventores da técnica cinematográfica – organizaram a primeira exibição pública de cinema, em um *boulevard*, também em Paris (ESPAGNAC, 1995, p. 44 apud LLINÉS; MORENO, 1999, p. 15).

⁴ Nos JO de Paris (1900), houve o primeiro registro filmado do evento (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 15).

É apenas em 1924, tanto nos JO de verão (em Paris) quanto nos JO de inverno (em Chamonix, França), que os JO começam a ser difundidos pelo sistema de rádio (LLINÉS; MORENO, 1999). As tecnologias de filmagens estavam em seu início e ainda não existia uma institucionalização sólida no ramo de audiovisual. O rádio, entretanto, já era institucionalizado, mas antes de 1924 havia uma pressão contra a cobertura de eventos por este meio de comunicação: era a pressão da mídia “dominante” da Europa da época – a mídia impressa. Segundo Llinés e Moreno, além de algumas limitações técnicas do rádio (em termos, principalmente, de alcance), os jornais impressos tentaram impedir o avanço desse novo meio, que foi considerado uma “[...] forte ameaça” (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 16, tradução nossa).

Por isso, até os JO de 1924, a difusão do evento se limitou, predominantemente, pela mídia impressa (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 16). Assim, mesmo no final da década de 1920 e no início da década de 1930, o rádio possuía um papel apenas local na comunicação olímpica (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 16). Ainda que já existissem tecnologias de comunicação mais avançadas que as do rádio, nem mesmo este último tinha uma solidez técnico-institucional em termos de difusão. As comunicações internacionais estavam em um estágio inicial e as trocas intercontinentais era um “desejo” sonhado (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 16-17).

A partir dos anos de 1930, nos afirmam as autoras, essas limitações começaram a ser superadas e, nos JO de 1936, em Berlim, houve uma “[...] transmissão propriamente dita [...]” do evento olímpico, pela primeira vez, via rádio (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 17, tradução nossa). Nesse mesmo ano, confirma-se o caráter dialético entre o desenvolvimento dos JO e da própria tecnologia da comunicação audiovisual. Sendo o evento olímpico crescentemente reconhecido, ele se torna um palco ou, como as pesquisadoras preferem dizer, um “teste de laboratório” para os experimentos televisivos (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 15). No caso dos JO de Berlim-1936, o canal de TV do *Reich* alemão que estava no poder realizou a primeira transmissão audiovisual (televisiva) ao vivo dos JO, porém em uma escala ainda local (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 20), organizando “[...] vinte e um auditórios públicos adequadamente equipados em Berlim, um auditório em Postdam e algumas salas localizadas em Leipzig” (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 20, tradução nossa).

Os anos seguintes seriam testemunhas de um desenvolvimento ainda maior na teledifusão. A institucionalização do rádio era proeminente e sua popularização foi rápida. No entanto, ele não teve uma participação sólida na difusão olímpica, pois os JO de 1940 e de 1944 foram cancelados por causa da Segunda Guerra. Quando Londres recebeu os Jogos pós-

guerra, em 1948, a TV já tinha um caráter mais “aplicável” em escalas maiores (LLINÉS; MORENO, 1999). No caso de Londres, segundo as autoras, houve uma transmissão televisiva com “[...] cobertura ao vivo em um viés regional [...]” (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 20, tradução nossa), em um raio de cento e trinta quilômetros (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 20). Alguns espectadores, assim, puderam assistir certos eventos olímpicos pela primeira vez em suas residências (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 20).

Esses dados nos ajudam a perceber que as tensões na relação entre a TV e os JO existem desde o seu início. Uma das principais polêmicas na época em que a TV estava se aprimorando como difusora dos JO consistiu em como abordar o conteúdo olímpico (LLINÉS; MORENO, 1999). Desde os Jogos de Londres-1948, houve uma cobertura multicâmera dos eventos. Na interpretação de Llinés e Moreno (1999), como resultado dessa cobertura, foi possível mostrar

[...] uma visão mais completa do que estava acontecendo. Em Cortina d’Ampezzo (1956), por exemplo, quatro câmeras foram usadas para cobrir a corrida de *bobsled* na TV. Essas câmeras foram situadas ao longo do trajeto da corrida para proporcionar uma visão completa da mesma aos espectadores: da partida à chegada. Coberturas desse tipo, curiosamente, significaram que o espectador domiciliar poderia seguir o progresso da corrida muito melhor do que o espectador no local da corrida. (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 18, tradução nossa)

Pode-se dizer, portanto, que o aparecimento da TV, no palco da história olímpica, foi um importante ponto de inflexão, pois, para os profissionais de comunicação da época, era claro o potencial dos JO para ser um “[...] gigantesco entretenimento das massas [...]” (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 21, tradução nossa), além de um interessante evento para ser noticiado, isto é, para servir de informação para a sociedade (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 21). Segundo as autoras (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 21), tal potencial levou a uma polaridade – primeiramente, entre o modo de cobrir os JO e, depois, entre o modo de realizar o próprio evento. Tal polaridade era “informação *versus* entretenimento”. Por causa da mudança de ênfase de informação para entretenimento, houve um debate crescente sobre a mercantilização dos direitos de transmissão – se poderia haver ou não pagamentos para tais direitos (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 21).

Esse imbróglgio da mercantilização dos direitos foi vivenciado nitidamente na década de 1950, quando aconteceram os JO de Helsinki – Finlândia – (1952) e de Melbourne – Austrália – (1956). Os primeiros, por exemplo, não foram transmitidos por nenhuma rede de TV e os segundos foram boicotados pelas redes internacionais (sendo transmitidos apenas

para a própria Austrália), em parte devido a problemas técnicos e em parte por causa, exatamente, de desacordos sobre tal imbróglio (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 21).

O debate em torno da mercantilização dos direitos de transmissão dos JO se deu, principalmente, em torno da problemática de alcançar um acordo sobre o que era notícia (um direito que deveria ser estritamente respeitado, sem nenhuma mudança) e o que era entretenimento (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 26). Em Melbourne-1956, por fim, o debate foi abertamente considerado e, como resultado,

[...] houve uma revisão da Carta Olímpica, a qual passou a incluir a seguinte referência no que diz respeito aos direitos televisivos: “os direitos televisivos serão vendidos pelo COJO [Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos], com a aprovação do COI [Comitê Olímpicos Internacional], e a renda será distribuída conforme instruções do primeiro” (artigo 49). (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 21, tradução nossa).

Vemos, neste caso, um deslocamento na tensão da relação entre a TV e os JO, já que o próprio documento oficial dos JO teve que ser alterado para corresponder a uma adequada entidade televisível. Se pararmos o raciocínio aqui, porém, não conseguiremos abordar toda a complexidade dessa relação. Em contrapartida à citada adequação da Carta Olímpica, as televisões de todo o mundo também tiveram que buscar as programações olímpicas e trabalhar muito para transmiti-las como programação que, antes dessa época, não existia: como programação especificamente esportiva ou olímpica. Em outras palavras, as televisões também tiveram que se adaptar ao conteúdo olímpico/esportivo.

Outra contrapartida foi a oportunidade dada ao COI para o aumento de sua visibilidade – o que trouxe um aumento consequente na visibilidade de seus valores orientadores. Os JO de Roma-1960 são tratados, pela maioria dos estudiosos da área, como o ponto de mudança em tal visibilidade, pois, durante a sua realização, ocorre a primeira transmissão televisiva a nível continental e o primeiro pagamento por direitos de transmissão televisivos dos JO (LLINÉS; MORENO, 1999). Esse fato acaba por alterar a própria “composição olímpica”, pois o nível continental de audiência não é de caráter pós-evento, mas essa é uma audiência que, agora, assiste ao evento “ao vivo”. Portanto, a TV fez com que um antigo e “simples” binômio olímpico “atletas-espectadores” se transformasse em uma descrição quádrupla, bem mais complexa, “[...] formada pelos atletas, pelos espectadores, pela mídia (comentadores, câmeras, microfones, etc.) e pela audiência televisiva” (LLINÉS, 1997, p. 75, tradução nossa).

Após as décadas de 1960 e de 1970, o aprimoramento técnico da TV e a sua institucionalização permitiram que a difusão olímpica se tornasse intercontinental, aumentando a audiência e, com isso, o valor atribuído aos direitos de transmissão (LLINÉS;

MORENO, 1999) – em Roma-1960, os direitos foram vendidos por US\$ 200.000,00; vinte anos depois, nos JO de Moscou-1980, os direitos foram vendidos por US\$ 88.000.000,00 (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 38).

MOSTRANDO A CERIMÔNIA DE ABERTURA PARA O MUNDO – VALORES ORIENTADORES

A partir desses relatos, de caráter mais histórico, da relação entre a TV e os JO, observamos como a passagem para o viés do espetáculo está intimamente ligada aos imbróglios citados. Essa “estética do consumo”,⁵ em alguma medida, foi possível graças ao crescimento da audiência, o que viabilizou investimentos “pesados” no orçamento não apenas do evento olímpico como um todo, mas, de modo mais específico, do momento que mais atraía essa vasta audiência: as cerimônias de abertura.

As questões que, tradicionalmente, são colocadas pelos especialistas dessa temática são sobre os deslocamentos de “sentidos originais” consequentes dessa relação. Vários trabalhos focam em estudos comparativos dos câmbios de sentidos sobre o olimpismo por todo o globo.⁶ Em termos mais gerais, pode-se dizer que os JO e suas cerimônias de abertura mudaram em adaptação, direta ou indireta, ao palco televisivo. Algumas dessas mudanças são: as apresentações artísticas das cerimônias são caracterizadas, cada vez mais, como *show*; isso levou à celebração da cultura local, que está embutida nessas apresentações, sendo que, até meados de 1980, tais apresentações eram, predominantemente, celebrações do esporte; a mudança de horários tradicionais na programação olímpica, para que os eventos fossem transmitidos no horário nobre nos Estados Unidos (país anfitrião das principais empresas televisivas detentoras dos direitos de transmissão); o aumento do número de profissionais da mídia, sendo este bem superior ao próprio número de atletas desde a década de 1970 (LLINES, 1997); e a construção de instalações específicas para profissionais da mídia, com centros avançados de tecnologia em teledifusão (LLINÉS; MORENO, 1999).

Por outro lado, mesmo alterando o texto de seu documento oficial, o COI, em grande medida, não renuncia as suas principais tradições, especialmente no que concerne à cerimônia de abertura. O desfile dos atletas, por exemplo, é, claramente, não televisível, pois demanda um tempo relativamente extenso, o qual vem crescendo ainda mais nos últimos anos – fato que tem sido criticado pelas redes de TV, as quais tentam mudar o procedimento de tal desfile

⁵ Termo usado por Bauman (2001) para distinguir uma ética onde o valor principal não está mais na produção de bens e no esforço do trabalho e da espera, mas sim na vivência do consumo imediato e sem esforço/trabalho.

⁶ Cf. Spà, Rivenburgh e Larson (1995) e Rivenburgh (1991).

para que fiquem mais adaptáveis à TV. O COI, no entanto, não abre mão desse “protocolo”, independentemente de sua duração, pois isso descaracterizaria seu traço de respeito internacional (o qual, ironicamente ou não, se tornou global – em parte – graças à difusão televisiva).

No bojo dessas tensões, estão as problemáticas relacionadas à transmissão do conteúdo olímpico pela difusão televisiva. Por causa da grande visibilidade que os JO dão à cidade sede atualmente, Llines nos diz que a cultura local é difundida, predominantemente, pelas redes de TV (LLINES, 1997) – tal cultura, em muitos casos, é desconhecida e estranha para os teledifusores. Segundo Llines, a cidade-sede e o COJO

[...] não conseguem controlar todo o processo de semantização que é gerado sob tais circunstâncias: qualquer jornalista que se considera de alto nível é forçado a olhar para além do material novo que é reunido de maneira tendenciosa pelos organizadores do evento. (LLINES, 1997, p. 72, tradução nossa)

De acordo com Spà (1990), o mesmo ocorre com os valores do olimpismo. A espetacularização do esporte, em termos gerais, relacionada à sua televisibilidade, “[...] tem multiplicado os ritos ‘paraesportivos’ que se tornam o contexto geral para os eventos esportivos propriamente ditos” (SPÀ, 1990, p. 456, tradução nossa). Ainda para esse autor,

Graças às suas gigantescas dimensões e à sua transmissão mundial, os ritos “paraesportivos” e os espetáculos que rodeiam os Jogos Olímpicos estão aptos a formularem os valores que orientam as práticas esportivas e os espetáculos das culturas mais avançadas do mundo, proporcionando respostas a questões como: “de que maneira o esporte é entendido?”, “quais valores adicionais podem ser atribuídos à competição e ao espetáculo da competição?” e “como a violência deveria ser interpretada?”. (SPÀ, 1990, p. 456, tradução nossa)

Com o crescimento da imagem gerada pelos JO indo em direção a um elemento global (graças ao desenvolvimento técnico da TV), a visibilidade de mercadorias multinacionais também se torna global. Por isso, o valor dos direitos televisivos começaram, após a década de 1970, a subir substantivamente (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 38). O direito de transmissão dos Jogos é vendido, portanto, a uma emissora que, por sua vez, revende-o em seu país/região. Já há algumas edições dos JO – desde Seul-1988 (SENN, 1999, p. 16) – os direitos televisivos têm sido vendidos para a rede americana *National Broadcast Company* (NBC). Essa rede tem, assim, o monopólio das imagens e da produção, deixando às redes locais, que recomparam o direito de transmissão da NBC, a prerrogativa de transmissão dessa produção e também de colocarem suas próprias “câmeras exclusivas” e seus comentaristas/narradores em estúdios nas instalações esportivas (SPÀ, 1990). Ao mesmo

tempo, as redes locais de TV fazem traduções para a sua cultura/língua das propagandas dos patrocinadores e de outras marcas associadas.

Apenas para se ter uma noção do quanto o valor dos direitos televisivos cresceram no mercado institucional da comunicação, nos JO da Cidade do México-1968, foram pagos US\$ 4.500.000,00 por tais direitos (LLINÉS; MORENO, 1999, p. 38; SENN, 1999, p. 16); já nos JO de Pequim-2008, a NBC pagou US\$ 894.000.000,00 (quase um bilhão de dólares) para transmitir os eventos olímpicos (SENN, 1999, p. 16). É óbvio que, em uma lógica de mercado, a NBC paga tal quantia porque sabe que terá um retorno, tanto das vendas para as TV's locais, quanto das publicidades que se associam a ela (SPÀ, 1990). Ao chegar a tais cifras, os direitos televisivos passam a integrar uma parcela cada vez mais significativa do orçamento total para a realização de todos os eventos dos JO (SPÀ, 1990).

Nessa conjuntura econômica, segundo Spà (1990, p. 462, tradução nossa), “[...] a cerimônia de abertura é um dos eventos olímpicos mais apreciados pela audiência, despertando muito mais interesse do que a cerimônia de encerramento”. Assim, essa torna-se “a oportunidade” para a difusão (além do conteúdo olímpico) de comentários mais marcados das redes de TV específicas e das propagandas e publicidades (SPÀ, 1990, p. 459). No entanto, como o próprio autor comenta, cada TV local comunica a sua própria “carga valorativa” e a sua “semantização” do conteúdo olímpico (SPÀ, 1990).

Partindo dessas ideias, Spà (1990) coloca a questão sobre a cerimônia de abertura ser um evento transmitido ou produzido pela TV. Porém, o autor não faz tal pergunta de modo redutivo. A questão é posta não no sentido de a TV ter o controle total das ações e das escolhas na realização do evento (embora se saiba que, em alguma medida, a TV faz isso), mas sim de que cada rede nacional de TV, além de transmitir as mensagens da cerimônia, também produz o seu próprio conteúdo

[...] audiovisual, e, por vezes, contradiz os valores – ‘harmonia’, ‘internacionalismo’, ‘tradições culturais locais’ etc. – propostos e transmitidos pelo discurso da cerimônia de abertura autóctone. (SPÀ, 1990, p. 464, tradução nossa)

De acordo com Spà (1990), “[...] a produção do próprio conteúdo audiovisual [...]” realizada pelas redes de TV locais cria a possibilidade de “manipulação” do conteúdo. Esta pode ocorrer, principalmente, de três maneiras: 1 – pela presença (no estádio local da cerimônia de abertura) de câmeras exclusivas; 2 – pela pós-produção e retransmissão dos

destaques da cerimônia de abertura; e 3 – pelos comentários orais nas coberturas “ao vivo” ou com *delay*, quando é o caso.⁷

No estudo feito Spà (1990), analisaram-se os valores olímpicos e os valores da cultura local em narrativas televisivas na cerimônia de abertura dos JO de Seul-1988. Foi identificado que os organizadores da cerimônia (realizada por especialistas da cultura sul-coreana os quais compuseram a autarquia do COJO em questão) incluíram no programa artístico de celebração da cultura local uma estrutura polissêmica de grande riqueza (SPÀ, 1990, p. 463). Por um lado, segundo Spà (1990), a TV espanhola – que cobriu o evento para a Espanha – não foi totalmente feliz com tal polissêmica, pois não se abarcou as diversas manifestações (fragmentadas na cerimônia) do folclore e da tradição sul-coreana (SPÀ, 1990, p. 465). Por outro lado, essa atomização da cultura, no gigantesco palco do estádio da cerimônia (vista pelo autor como um fenômeno pós-moderno), não é, por natureza, totalmente televisível, já que os narradores sempre escolhem uma parte da estrutura que lhes convém (SPÀ, 1990). O problema, visto por Spà, é o ponto limite entre duas atitudes muito complexas em nossa sociedade. A primeira delas é a atribuição “totalmente livre” de sentido à mensagem olímpica/cultural pela TV local (ainda que seja uma mensagem de fragmentos de cultura). A segunda, cada vez mais questionável na Pós-Modernidade, é fazer uma referência fixa sobre as histórias e as tradições dessas culturas e dos JO (SPÀ, 1990). O exemplo da TV espanhola na cobertura da cerimônia de abertura de Seul-1988, trazido pelo autor, é sintomático dessa complexidade, pois, ao mesmo tempo em que ela advogava para si uma interpretação fiel da cultura local, outros analistas mais especializados – inclusive alguns nativos da Coreia do Sul – davam interpretações diferentes, e, até mesmo, opostas, sobre o mesmo fenômeno (SPÀ, 1990).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as discussões apresentadas, tentamos, nas considerações finais, sintetizar algumas das ideias mais importantes expostas a fim de notarmos o nível e o grau da pesquisa sobre a temática em outros países.

⁷ Em alguns casos, a cerimônia de abertura é transmitida com *delay* (com atraso ou em horário posterior ao horário do evento em si). Isso ocorre apenas com redes de TV que possuem um fuso horário muito complicado, em termos de audiência, para a cerimônia de abertura. Um bom exemplo é a cerimônia de abertura dos JO de Barcelona-1992, a qual ocorreu no início da noite (horário de Barcelona), mas foi transmitida pela primeira vez nos Estados Unidos, somente às oito horas da noite no horário americano (nove horas após o início e seis horas após o término da cerimônia) (SPÀ; RIVENBURGH; LARSON, 1995, p. 97-98).

No caso mais geral do esporte, bem como no caso específico dos JO, há uma “[...] atribuição de sentidos que influencia a constituição de saberes/fazer” (PIRES, 2002, p. 21) sobre esses dois fenômenos, e, conseqüentemente, sobre seus valores orientadores. Desse modo, é importante frisar o papel crucial da narração televisiva para o “processo cultural” sobre o qual nos fala MacAloon (1991). Para o autor, há, no complexo contexto da TV olímpica, diferentes formas de produção/distribuição/consumo dos valores e da mensagem olímpicos. Segundo ele (MacALOON, 1991), a cultura (enquanto um sistema de símbolos e seus significados), vinculada aos valores olímpicos, passa por quatro “fases”: ela é, primeiramente, apresentada pelas entidades formais (COI e COJO) através dos voluntários, da cidade-sede, do país anfitrião etc.; em seguida, ela é interpretada pelos presentes fisicamente no local (espectadores “comuns”, chefes de estado, atletas, profissionais da comunicação, atores, artistas, voluntários, organizadores etc.); em terceiro lugar, ela é sócio-cognitivamente traduzida (significando que esse é, inicialmente, um processo interno) pelos locutores de rádio e TV e pelos profissionais da produção televisiva; em quarto e último lugar, ela é rerepresentada (exteriorização da fase anterior), de maneiras identitárias, para o público específico de cada cultura que é, em tese, “leitor ideal” da interpretação feita (MacALOON, 1991, p. 46, tradução nossa). Acrescentaríamos, ainda, uma última fase, que é a apropriação (crítica ou não) da mensagem. Apesar de não abordarmos essa quinta etapa (o consumo) – o que se revela como uma limitação do trabalho – entendemos que as outras quatro fases do processo são importantes para nossa análise.

Com essas quatro fases, podemos dizer que MacAloon faz um bom resumo de um certo consenso que há (claro que não sem tensões – o que, a nosso ver, é bom para a ciência) sobre a temática proposta no âmbito de pesquisadores do estrangeiro. Os valores orientadores, segundo a maioria das visões, não são passados para o público de forma translúcida e imaculada. Porém, os valores transmitidos, mesmo com toda a influência que a TV teve sobre a ética do MO, ainda possui sim efeitos “desejados” sobre as atitudes de muitas pessoas ao redor do globo, pois a complexidade do questão é maior que apenas a questão da TV. O esporte, em si, para vários autores, se deturpou. Mas, para muitos estudiosos internacionais dos JO e das relações deste com a TV, essa visão é simplista – especialmente no caso de MacAloon (1984). Na verdade, como MacAloon (1991) sintetiza, o processo que ocorre nas quatro fases é típico das condições em que nossa sociedade chegou, com seus paradoxos, mas também com a ironia dos próprios paradoxos.

SHOWING THE FIVE RINGS TO THE WORLD: OLYMPIC GAMES, TELEVISION
AND THE OPENING CEREMONY

ABSTRACT

We present at this article the following problem: how the most representative scholarly literature from other countries deals with the relationship between television, the Olympics and the opening ceremony? We aim here to present in Portuguese the main ideas and studies that other countries make regarding relationships between these three elements. To do so, we use the essays methodology, with the literature search. The guiding values of Olympism, according to the most of the visions, are not passed to the public in a translucent and immaculate way. However, the transmitted values, even with all the influence that television has on the ethics of the Olympic Movement, still have “desired” effects on the attitudes of many people around the globe.

KEYWORDS: *Olympic Games; television; opening ceremony.*

MOSTRANDO LOS CINCO ANILLOS PARA EL MUNDO: LOS JUEGOS OLÍMPICOS,
LA TELEVISIÓN Y LA CEREMONIA INAUGURAL

RESUMEN

Presentamos este artículo con el siguiente problema: como la literatura académica más representativo de otros países trata la relación entre la televisión, los Juegos Olímpicos y la ceremonia de apertura de los Juegos? Nuestro objetivo aquí es presentar en portugués las ideas principales y estudios en el extranjero hace respecto a las relaciones entre estos tres elementos. Para ello, utilizamos la metodología de los ensayos, con la búsqueda bibliográfica. Los valores del Olimpismo, de acuerdo con la mayoría de las visiones, no son pasados para el público de modo translúcido. Sin embargo, los valores transmitidos, mientras toda la influencia que la televisión tiene en la ética del Movimiento Olímpico, aún tiene efectos “deseados” en la actitud de muchas personas en todo el mundo.

PALABRAS CLAVES: *Juegos Olímpicos; televisión; ceremonia inaugural.*

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DaCOSTA, L. P. O Olimpismo e o equilíbrio do homem. In: TAVARES, O.; DaCOSTA, L. P. (Eds.). *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999. p. 50-69.

_____. Olympic legacy or post-olympism? In: _____. (Org.). *Olympic Studies*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. p. 13-26.

DUARTE, E. B. *Televisão: ensaios metodológicos*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LLINES, M. The contribution and effect of the media on the Olympic Games. In: INTERNATIONAL OLYMPIC ACADEMY THIRTY-FIFTH SESSION, 35., 1995, Ancient Olympia. *Report of the thirty-fifth Session*. Athens: International Olympic Committee, 1997. p. 70-75.

LLINÉS, M.; MORENO, A. B. The history of radio and television coverage of the Olympic Games. In: BILL, W. et al. (Orgs.). *Television in the Olympic Games: the new era: International Symposium*. Lausanne: International Olympic Committee, 1999. p. 15-41.

MacALOON, J. A note. In: LANDRY, F.; LANDRY, M; YERLÈS, M. (Eds.). *Sport... The third millennium*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1991. p. 46-47.

_____. Olympic Games and the theory of spectacle in modern societies. In: _____. (Ed.). *Rite, drama, festival, spectacle: Rehearsals toward a theory of cultural performance*. Philadelphia: ISHI, 1984b. p. 241-280.

PIRES, G. de L. *Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 2002.

RIVENBURGH, N. Learning about Korea – or did we? A multi-nation comparison of televised cultural coverage of the Seoul Olympic opening ceremony. In: LANDRY, F.; LANDRY, M; YERLÈS, M. (Eds.). *Sport... The third millennium*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1991. p. 95-97.

SANTOS, G. F. “*Um mundo, um sonho*”. *Uma utopia?* Narrações midiáticas de valores olímpicos e esportivos na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008. 2012. 346 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012. Disponível em: <http://www.cefd.ufes.br/sites/www.cefd.ufes.br/files/DISSERTA%C3%87%C3%83O_EDUCA%C3%87%C3%83O_F%C3%8DSICA_GUILHERME_SANTOS-UFES.pdf>. Acesso em: 20 maio 2012.

SENN, A. E. *Power, politics and the Olympic Games*. A history of the power brokers, events, and controversies that shaped the Games. Champaign: Human Kinetics, 1999.

SPÀ, M. de M. The mass media, Olympic values and the opening ceremony. In: BYONG-IK, K. (Ed.). *Toward one World, beyond all barriers: Keynote speeches; cultural exchange and cultural nationalism*. The Seoul Olympiad Anniversary Conference. v. 1. [Seoul]: Poong Nam, 1990. p. 455-473. Disponível em: <http://www.dyu.edu.tw/~osc/olympic/con_hm/c2pdf/c2023.PDF>. Acesso em: 30 maio 2011.

SPÀ, M. de M.; RIVENBURGH, N. K.; LARSON, J. F. *Television in the Olympics*. London: John Libbey, 1995.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 4. ed. Tradução Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2002.